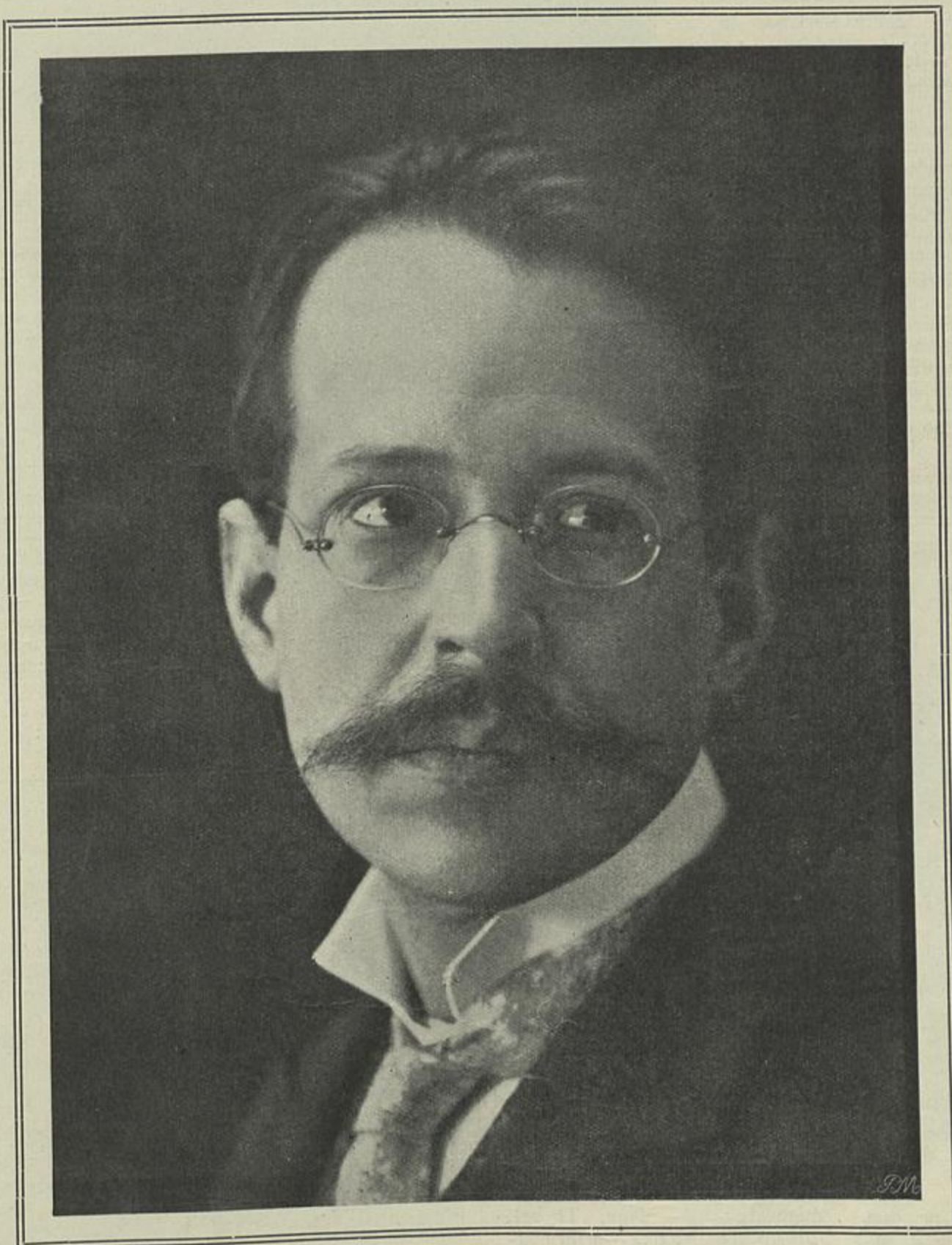


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1237	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Maio de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



VIANNA DA MOTTA — (Veja Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Nos ultimos dias, um assunto fertilissimo tem alimentado a curiosidade indigena.

E' aquele caso tumultuario da madrugada de domingo — 27 de abril — que ainda corre na imaginação desta «terra de muitas e desvairadas gentes», disseminando no ambiente uma poeira de vozearias irritas e contraditorias.

Os transeuntes ociosos erram e voltam, numa dobadoira viva, de estanco para estanco, de botequim para botequim, narinas farejantes e ofegantes, olhos em alvo, gestos de misterio, puxando amigos á confidencia, a tateal-os e a tental-os com palavras aliciadôras.

De onde a onde um boato apreensivo desencadeia-se desta atmosfera carregada.

Que acontece? Que se diz?

Que acontece?...

Na verdade — factos vulgarissimos na historia das sociedades em formação ou desorganisação.

Assim como assim, não aterrorizam, nem preocupam menos o nosso espirito.

De situações identicas, os factos que derivam, identificam se.

Não precisamos, neste momento, de fazer uso da estafada comparação com o belo e amado paiz de França — remontando nos á epoca dos seus deliquios e crises.

Neste momento em que por toda a parte, com fogareus de entusiasmo, se realisam festas comemorativas do aniversario do descobrimento do Brazil — a lembrança desta nacionalidade amiga chega-nos a talho de foice.

Efectivamente, depois de imposto, num arranco de audacia, em terras de Santa Cruz, o regimen que Deodoro da Fon-

seca ambicionara para a sua patria, que de obstaculos, que de revoltas, essa juvenil Republica não conseguiu vencer... Pois bem!

Decorridos anos, apesar das sinistras profecias que timoratos animos erguiam com voz panica, eis que a republica brasileira começa de progredir, a olhos vistos, maravilhosamente, num interminavel caminho de prosperida-

des. E esta e outras comparações são exemplos propicios, que mais nos incitam a acreditar ainda no futuro da nossa Patria gloriosissima.

Mas — enfim — que se diz?

Que acontece?

Eu sei lá! De madrugada, um bando de tontos ou mal-intencionados, péga em armas, percorre as ruas, em borborinho, em desordem, tenta sublevar guarnições da cidade, e já se ensaia para ferir um golpe-de-estado.

Afinal, as armas cáem-lhes das mãos,

nossa nacionalidade? Não no acreditamos.

Serão os ultimos tremos de febre maligna que perpassa por sobre o dorso do nosso convalescente organismo politico? Talvez. Oxalá!

A proposito, veem as ultimas exposições, realisadas na Associação da Agricultura, a espaiçer-nos suavemente das nossas considerações, necessariamente, tristes.

Foi uma verdadeira divagação de sonho que fizemos pelas salas dessa Associação benemerita, em que as flôres se alevantavam numa apotose, clamando o amor e a maravilha da Terra Portuguesa.

Quem ha ahi, desgostoso das realidades mesquinhas que nos cingem, sedento de beleza, sófrego de infinito, avido de inedito, que não estremeça na contemplação carinhosa duma flôr — em cujo seio — como em uma urna sacra — repoisam a beleza e infinito e inedito que amarguradamente e anciosamente procuramos?

A alma da flôr é tão estranha e maravilhosamente simples que nós — espiritos bisonhos e suspicazes — jámais a surpreenderemos; — porque a Verdade e a Beleza está sempre — ó irmãos transviados e perdidos — na contemplação simplicissima das Coisas.

Era isto que, num clamôr confuso, dentro de nós se dizia:



CAPITÃO DE FRAGATA JULIO GALLIS
COMANDANTE DO «REPUBLICA»
ONDE FORAM RECOLHIDOS PRESOS, OS IMPLICADOS
NA INSURREIÇÃO

e os pulsos entregam-se facilmente aos grilhões do cativo. E a cidade continua tranquilamente a fazer a digestão...

Que desejava esse bando desatinado?

Misterio! Consoante se diz, os soldados presos embarcaram aos gritos de: «Viva a Republica Radical.»

— ?!...

Estes revoltosos de ocasião ainda não detalharam nem explicaram os seus planos de politica redentora; — ainda não expuzeram o seu programa partidario.

E, por isso, o bordão revolucionario que eles alçaram, por momentos, fóra de toda a interpretação séria, voga na penumbra das coisas misteriosas. Será uma sorte de — Mane, Thecel, Farés — a gravar-se nos muros da



NO ARSENAL, CONDUÇÃO DOS PRESOS PARA O EMBARQUE NO «REPUBLICA»



TENENTE FERREIRA DINIZ
IMPLICADO NA INSURREIÇÃO
DA MADRUGADA DE
27 DE ABRIL.



CAPITÃO LIMA DIAS, IMPLICADO
NA INSURREIÇÃO DA MADRUGADA
DE 27 DE ABRIL.

Pouco a pouco, os visitantes curiosos de mundanidades entram, e mais, e mais, e invadem e avassalam e uma nodosa amorfa de bafo e murmúrio, começa a avolumar-se e a espriar-se por aquelas salas que deviam formar um santuario de recolhimento e silencio.

Ao nosso lado, menina mimalho se-greda, ao papá longanimo, *lorgnando* de revés a sala, com geitos chics e tics de sabichona:

— Curioso certamen. Que graça de bouquet!

As flôres parecem pender de melancolia e nostalgia sobre as hastes. Fugimos!

Tambem, nas salas da Associação de Agricultura, se inaugurou no dia 3 do

de admiração, alevantando-se e mais e mais num crescendo tremulino, são as melhores palmas de saudação ao Artista, que, longe, bem longe, no seio estonteante de caricias e lisonjas das extranjas, não esqueceu a Patria-Amada.

Tambem, no Teatro da Republica onde Vianna da Motta está, agora, recebendo a apoteose que os seus patricios lhe devem e reservam, — o ambiente vibrou com a voz humilde e prometedor, carinhosa e entusiastica, do Orfeon Academico de Evora.

Os briosos rapazes — como é de uso dizer-se — realisaram a sua festa com brilhantismo — deixemos passar a coçadissima expressão — a que ninguem regateou aplausos, tanto mais que a receita

PELO MUNDO FÓRA

A republica chinêsa vae conquistando as sympathias universaes, entrando no convívio das nações civilizadas. Antecipou-se no seu reconhecimento a grande republica norte-americana.

Não quiz o destino que a imperatriz viuva assistisse a esse triumpho. A morte arrebatou-a pouco antes d'esse acontecimento. As ceremonias do enterro foram deveras interessantes, mostrando o carinho com que a joven republica procedeu para com aquella que era geralmente considerada como a fundadora do novo regimen.

Por isso, na China, a casa imperial vive sob os auspícios do Estado.

O presidente da Republica fez o elogio da imperial defunta, e a multidão exhibiu o distinctivo de lucto, caracterizado por um chrysanthemo negro com cinco folhas de côres representando as cinco raças. O cortejo funebre desfilou pelas ruas de Pekim durante cêrca de quatro horas.

Um acontecimento novissimo na historia foi a inauguração solemne do primeiro parlamento chinês, no dia 8 de Abril. Ali se reuniram nada menos de 596 deputados e 274 senadores, aos quaes cabe o dever de quanto antes elegerem o presidente effectivo da republica, que até agora tem estado nas mãos do celebre *Juan-Shi-Kai*. Os candidatos que mais probabilidades offerecem de subirem á presidencia são os generaes *Hoang-Hing* e *Li-luen-Hong*.

E' curioso que o ministro do interior, que é christão, ordenasse que se fizessem preces publicas em todas as egrejas christãs pelo bom exito da nova assembléa nacional. Este appello teve caloroso acolhimento por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos. 10:000 escolas christãs inglêsas, representando 2.245:000 missionarios e discipulos celebraram no dia 27 d'Abril officios divinos em louvor do governo republicano chinês.

Falando de republica e de religião, não podemos deixar no olvido o que se acaba de passar na republica brazileira, cujo espirito de rasgada tolerancia lhe tem conquistado universal admiração. E' o caso da inauguração da estatua da *Immaculada Conceição*, na cathedral metropolitana do Rio de Janeiro, estatua encommendada expressamente de *Anvers*. A benção da imagem foi feita pelo cardinal *Arcoverde*, perante numerosissima assistencia, em que sobresahia o elemento official. Serviram de paranympfos, além d'algumas senhoras, o *marechal Hermes da Fonseca*, Presidente da Republica, o *general Bento Ribeiro*, prefeito do districto federal, o *Dr. Francisco Sales*, ministro da fazenda, o *general Antonio Geraldo de Sousa Aguiar*, o *senador Antonio de Azeredo* e o *barão de Itabonahy*.

Ao ser descoberta a imagem, duas bandas militares tocaram o hymno nacional.

D'esse espirito tolerante se honra tambem a França, cuja capital recebeu ha dias o delegado do Papa ás festas commemorativas do centenário do historiador catholico *Frederico Ozanan*, que, tendo



Srs. D. Francisco Lassale
e D. Nicolau Gaysi

Sr. Marquês
de Villasinda

Sr. D. José R. Gomez
Consul de Espanha

CHEGADA A LISBOA DO NOVO MINISTRO DE ESPANHA SR. MARQUÊS DE VILLASINDA

mês decorrente, com assistencia do sr. ministro do fomento, director geral da agricultura e outros convidados, uma exposição formosissima de aves.

E assim, aos esforços indefessos daquela Associação benemerita, vamos nós devendo preciosissimos estimulos para o resurgimento e fomento agricola da linda terra de Portugal.

Com efeito, parece que tudo conjura, neste momento, para apagar na nossa memoria os ultimos boatos que tem alarmado o espirito tranquillissimo da marmorea e granitica cidade.

O grande pianista Vianna da Motta aportou a Portugal. Depois duma lenta divagação pelo estrangeiro — divagação de luta e triunfo e gloria — o irresistivel mago do piano destina ao Teatro da Republica uma serie de concertos cujo programa é escrupulosamente escolhido e a execução tem sido, indubitavelmente, maravilhosa. Acompanha o D. Bertha Vianna da Motta. Os murmurinhos irreprimiveis

adveniente reverte a favor da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres de Lisboa, Associação Filantropica Academica Eborense e Caixa de Excursões Scientificas do Liceu de Evora.

Por ultimo, a Cronica tem a notiar que chegou a Lisboa, no paquete holandês *Koningine*, o sr. marquês de Villasinda, novo ministro de Espanha em Lisboa. Sua ex.^a foi carinhosamente recebido pelo pessoal da legação e consulado de Espanha e varios membros da colonia espanhola.

ANTONIO COBEIRA.



Um droguista, homem de espirito, conversando com um seu amigo elogiava as suas drogas e licores, e dizia que tinha espirito de todos os generos.

— Aposto, diz-lhe o amigo, que falta uma especie de espirito.

— Qual?

— O espirito da Contradição...

— Pois está enganado, tambem tenho.

Subiu, trazendo depois pela mão... a sogra.

nascido em Milão, em 23 d'Abril de 1813, fôra aos 20 annos estudar direito para Paris e ali fundára, com sete dos seus amigos, a celebre *Sociedade de S. Vicente de Paula*, Ozanan foi professor da *Sorbonne*; teve por amigos *Chateaubriand*, *Montalembert* e *Lacordaire*, e nos cursos do inverno de 1845 teve por discipulo um joven estudante bretão que, pela sua assiduidade, pelo seu porte ecclesiastico, pela precocidade da sua intelligencia, lhe attrahia a attenção. -- Chamava-se *Ernesto Kenan*, o auctor da *Vida de Jesus* e de tantas obras notaveis. Ozanan morreu em Munich em 1853, tendo apenas 40 annos.

O delegado ás festas de Paris foi o cardeal *Vicente Vanutelli*, antigo nuncio em Lisboa, e que é considerado como uma das maiores influencias da Santa Sé. Ha quem pretenda vêr na sua viagem á capital franceza um pretexto para se procurar um modo de conciliar a Republica com o Vaticano. Seja como fôr, a presença em Paris d'um dos pretendentes da thiara papal, constitue um facto sensacional, e muito mais no momento presente em que muito se fala da successão ao throno de S. Pedro, que por milagre não está já vago. Pio X conseguiu triumphar da enfermidade que ha tempo o tem prostrado, mas pôde muito bem ser que se verifiquem as previsões de *madame de Thèbes*, celebre chiromante de Paris, que marcou o mêz de Maio como termo para a vida do sympatico ex-cardeal *Sarto*.

A aviação está na ordem do dia. Creada em 1909, o numero de victimas que se lhe sacrificam augmenta espantosamente, não havendo um dia em que se não registem desastres fataes, embora os aviadores estejam habilitados com os diplomas exigidos pelas auctoridades.

O mez d'abril assignala-se por grandes perdas de arrojados aeronautas, em que figuram tambem intemeratas filhas de Eva. Em 24 do mês passado, no campo de *Iohannisthal*, houve um grande desastre que victimou a princeza russa *Schakoffskoy* e o seu compatriota e professor *Abramovitch*.

Minutos depois, outra russa, *Elia Dunetz*, cahia com o seu monoplano, que ficou reduzido a um montão de destroços. A temeridade de *Dunetz*, fez com que lhe prohibissem o subir com passageiros. Eis por que d'esta vez só houve uma victima.

O principe *Axel da Dinamarca* é que se pôde gabar de estar com sorte, pois que ao fazer uma descida, no seu biplano, veiu um pé de vento que o lançou d'encontro a uma barreira, ficando o aparelho num molho. O principe nada soffreu, além do susto, o que não foi pouco, de certo.

No concurso de aeroplanos que disputavam a *taça Pommery*, não se registam desastres de maior. Parece que o premio cabe ao aviador *Guillaux*, que fez o percurso de 1:240 kilometros de *Biarritz a Kollum*, no norte da Hollanda, passando por *Liège*, *Bremen*, *Copenhague* e *Stockholmo*. Foi notavel o vôo de *Gilbert*, de *Paris a Medina del Campo*.

O tenente allemão *Merbach*, que involuntariamente aterrara em *Luneville*,



A PRINCESA AGOSTINHA VICTORIA DE HOHENZOLLERN
NOIVA DO SR. D. MANUEL DE BRAGANÇA

(Ver artigo «Pelo Mundo Fóra» do numero antecedente)

com o *Zepelin IV*, morreu em 30 d'abril, no aerodromo de *Darmstadt*, em resultado d'uma queda terrivel da altura de 120 metros. O companheiro, o tenente *von Brün*, ficou em estado desesperado.

Multiplicam-se os destruidores das vidas humanas, a que parece de dia para dia se vae dando menos importancia. A bomba, essa terrivel *artilharia civil*, como em lusa terra por alguns é denominada, é largamente empregada lá para as bandas do Oriente, tendo se feito sentir nos dominios da Turquia asiatica e no Japão.

Em fins do anno passado o vice-rei da India ingleza, *Lord Hardinge*, esteve ás portas da morte, em consequencia d'uma bomba que lhe foi atirada d'um telhado quando ia num cortejo, montado num soberbo elephante, atravez as ruas de *Calcutá*.

Agora, numa possessão franceza, na *Cochinchina*, um annamita atira uma bomba para o terraço d'um café, matando dois officiaes francezes e ferindo seis civis tambem europeus, além d'outros indigenas.

Diz-se que o imperador *Guilherme II* da Allemanha escapou agora pela segunda vez a um attentado anarchista, que lhe estava preparado no trajecto do caminho de ferro de *Koenigsberg a Carlsruhe*, e que, chegando ao conhecimento a policia de Berlim, fôra evitado, fazendo o imperador a viagem em automovel.

É o soberano allemão a personalidade mais em destaque n'estes tempos de terror bellico, embora no fundo o imperador *Guilherme* seja, como crêmos, a pessoa mais passifica d'este mundo.

E não é apenas o soberano que está em fóco; é tambem o seu successor e herdeiro, o *Crownprinz*, que acaba de publicar um livro—*A Allemanha em armas*, dedicado a Sua Majestade o imperador e em que collaboram distinctos officiaes. O principe herdeiro escreveu o prefacio e o primeiro capitulo, em que diz, em resumo, que *a Allemanha é, mais do que qualquer outra nação, obrigada a pôr toda a sua confiança nos seus armamentos. Collocada no centro da Europa, ella está mal protegida pelas suas fronteiras geographicas e é considerada sem amor por varias nações. O imperio allemão tem, pois, mais do que qualquer outro povo da terra, o dever sagrado de olhar pelo seu exercito e pela sua esquadra, afim de que estejam sempre prontos a resistir a qualquer acção vinda de fóra. Não é senão apoiando-nos na nossa espada valente que podemos occupar o logar que nos compete, mas que não nos é concedido de bom grado. Sem duvida a habilidade diplomatica pôde, durante algum tempo, impedir, e até mesmo resolver, os conflictos; sem duvida as personalidades competentes estarão sempre, na hora decisiva, plenamente conscientes das suas responsabilidades esmagadoras. Sabem todos que uma vez ateado, o incendio gigantesco será grande e de demorada extincção. Entretanto não se pôde dissimular que assim como as electricidades diferentes accumuladas em duas camadas de nuvens descarregam dando o relampago, da mesma maneira, em todos os conflictos politicos, a espada permanecerá até ao fim do mundo como o grande factor da opção.*

É claro que semelhantes palavras deviam provocar criticas e ideias antagonicas, especialmente no actual momento em que a situação internacional é tão tensa.

A Austria e a Italia, empenhadas na questão da Albania, preparam-se para occupar militarmente este novo paiz, fi-

lho da guerra turco balkanica. *Essad-pachá* abandonou Scutari d'accordo com o rei do Montenegro, para ir com os seus 25:000 homens fundar o reino da *Albania*, pondo-se em conflicto com as tropas de *Djavid-pachá*, que ficou derrotado. *Essad-pachá* está senhor da situação na Albania central.

Essad pachá é albanês; pertence a uma das familias de beys que constituem a antiga fundalidade d'essa provincia. Os albanezes musulmanos consideram-no como um heroe nacional. Com a sua proclamação caem por terra as aspirações de varios pretendentes ao throno da Albania, d'entre os quaes ultimamente se destacavam o *duque de Montpes-*

cio, provocam movimentos de opinião, dizendo-se mesmo que a famosa casa Krupp fizera publicar num jornal francêz um artigo tendente a excitar a campanha dos armamentos.

7—5—913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Um sujeito encontrando em uma estrada um preto montado num burro branco, querendo agradecer com o preto, diz-lhe:

— O' moleque, então você sendo preto vae montado num burro branco?

— Mè sinhô! exclama o preto, eu não tenho culpa que o branco seja burro!

Resar
E' amar
Resam as aves cantando
Os ribeiros soluçando
As arvores murmurando
Estão resando
Estão amando.

Reza — aspiração da alma dolorida
Amor — força fecunda que fecunda a vida

Viver
E' soffrer

O trigo loiro crescendo
As aguas tristes gemendo
As sementes revivendo

II

Estão vivendo
Estão soffrendo



O ORFEON ACADEMICO DE EVORA QUE VEIO A LISBOA DAR UMA FESTA NO THEATRO DA REPUBLICA A FAVOR DA CAIXA DE SOCORROS A ESTUDANTES POBRES

(Veja Cronica Occidental)

sier, o duque de Alençon e o archi-duque José Francisco.

Ainda a proposito da bellicosidade germanica, diremos que a afamada revista *Illustrierte Zeitung*, como prefacio á votação da nova lei militar pelo Reichstag, publicou um numero consagrado especialmente ao exercito, e subsidiado pelo ministerio da guerra. Esse numero colossal pesa 1:400 grammas e as suas paginas cobrem uma superficie de vinte metros quadrados.

Grande agitação causaram as afirmações do deputado socialista *Lisbknecht*, que no Reichstag, fez grandes accusações contra certas fabricas de material de guerra que, na ancia de fazerem nego-

Sinfonia d'Abertura

I

No silencio da noite, sem rumor
As arvores são almas murmurando
Uma oração d'amor

E a lua branca pelos ceus andando
Como tristonha alma vae resando
Uma oração de Dor

Amor
E Dor
Eis a synthese da Vida.
A força inicial dividida
Numa expansão intensa
Embora sempre a mesma sem diff'rença
gera o Amor
e gera a Dor.

Vida — ciclo de dor em dor vivida
Dor — alma de tudo, alma da Vida.

E resando
E amando
E vivendo
E soffrendo

Eu farei da tristeza desta Vida
Uma oração d'amor embevecida
A mística oração do meu pensar
A prece muda da minh'alma a rir
A prece dos meus olhos a chorar
Prece constante, diluida em Dor
Erguida para Ti, oh meu Amor!

Lisboa, janeiro de 1913.

CORTES RODRIGUES.

O avaro, por um real perde um cento.



NO CINEMA OLYMPIA — A FESTA DE GALA, NO ANIVERSARIO, DEDICADA À COLONIA BRASILEIRA — UM ASPETO DA SALA, COM A ASSISTENCIA

Como prometemos em o numero antecedente d'esta revista, reproduzimos hoje o segundo cliché que o nosso colaborador artistico, sr. Alberto Lima, fez da assistencia á festa do aniversario do Cinema Olympia, dedicada a colonia brasileira e que não foi possivel publicar no referido numero.

Hoje reproduzimos dois belos clichés que o nosso colaborador artistico sr. Benoliel fez da festa do dia 3, no Jardim Zoologico, a que assistiu a colonia brasileira e onde compareceram o sr. Teixeira de Macedo, consul do Brasil e o pri-



NO JARDIM ZOOLOGICO — A ASSISTENCIA Á FESTA DO DIA 3 DE MAIO, ANIVERSARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, DEDICADA À COLONIA BRASILEIRA



meiro secretario da Legação sr. dr. Veloso Rebello, convidados pelo sr. dr. Ramada Curto, presidente da Sociedade do Jardim Zoologico.

O dia 3 de maio, aniversario do descobrimento do Brasil por Alvares Cabral, é hoje uma data festejada em nosso país, tendo sido decretado dia de gala pelo governo da Republica Portuguesa.

Em todo o Portugal este dia foi comemorado com festas publicas, e reuniões particulares, como o aniversario de uma segunda patria, que os portugueses ha muito consideram, pelo bom acolhimento que sempre encontram na terra brasileira.

A Sociedade do Jardim Zoologico que, nos ultimos anos tão grandes melhoramentos tem realiado neste estabelecimento de utilidade e de recreio, publico, associou-se este ano á comemoração do glorioso descobrimento, que veio trazer ao convívio da civilização da velha Europa um gran-

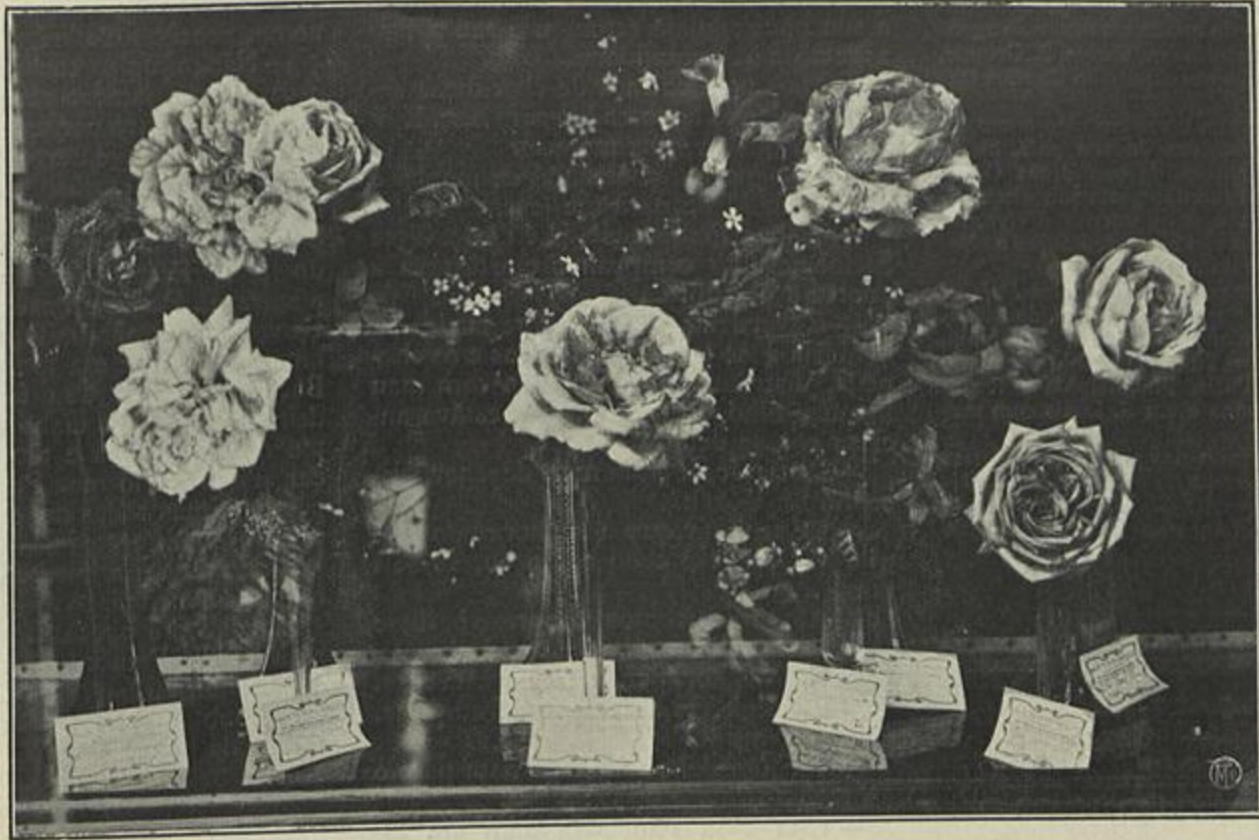
de país, que pelos seus progressos alcançou sua autonomia e se tornou um imperio digno e respeitado.

E' gloria de portugueses e de brasileiros e para estes dois povos é regosijo recordar tão grande fasto historico, como recordado foi na terra portugêsa.

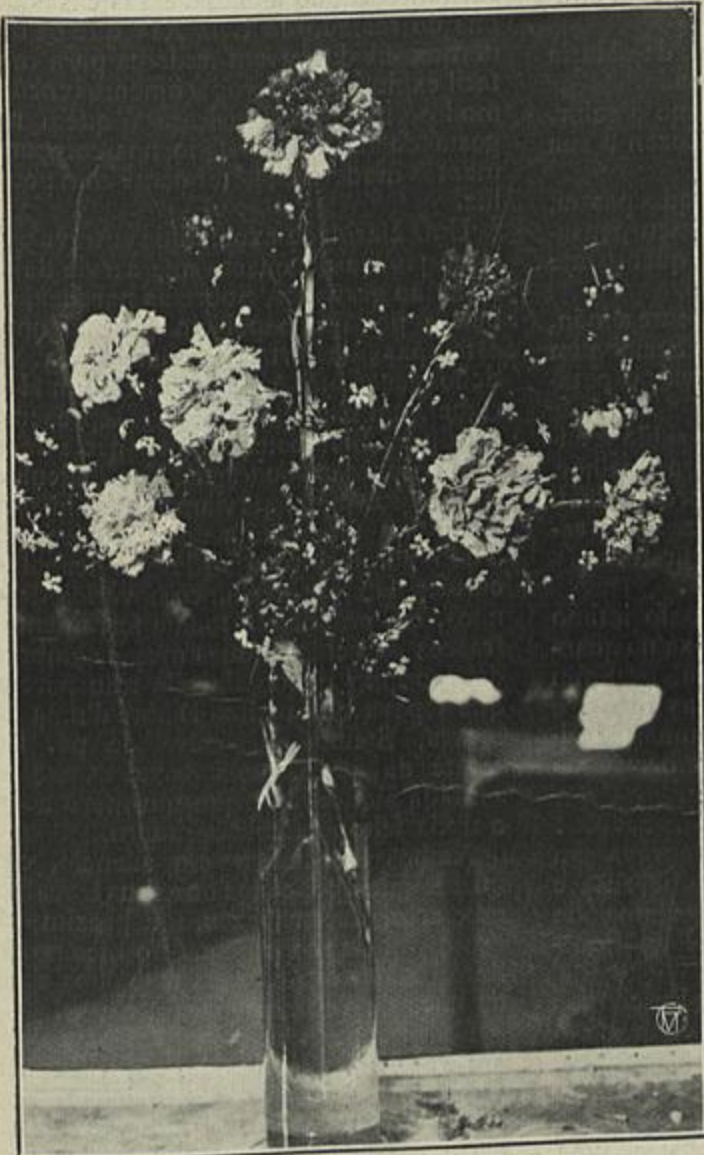
A comemoração feita no Jardim Zoologico foi uma festa brilhantissima tanto pela assistencia, como pelo belo concerto da banda da Guarda Republicana que, sob a regencia do maestro Fão, executou um magnifico repertorio, incluindo a *ouverture* do Guarany do notavel maestro brasileiro Carlos Gomes.

O recinto destinado á festa achava-se vistosamente embandeirado.

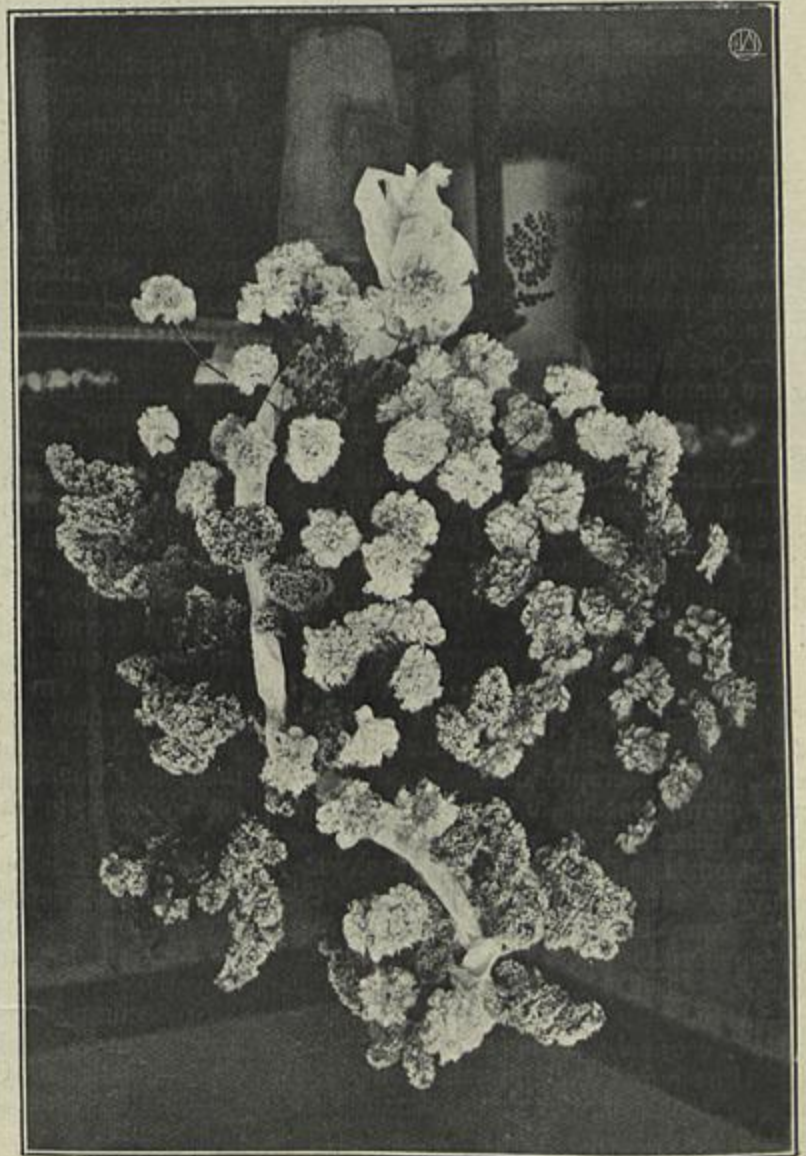
Exposição de Flôres, na Associação Central de Agricultura Portuguêsa



ROSAS CHATEAU DE CLOS VONGEOUT, ABBÉ BRAMEREL, MADAME COURTOT, LA TOSCA, BARON GIROL DE L'AIN, ETC., DO EXPOSITOR SR. TEIXEIRA MARQUES
PREMIO DE MEDALHA DE OURO



CRAVOS DO EXPOSITOR SR. FIEL VITERBO
PRMIO DE MEDALHA DE OURO



CRAVOS E LILAZES DO EXPOSITOR SR. LOPES & C^a LTD.
PREMIO DE MEDALHA DE OURO

(Clichés Alberto Lima)

Uma exposição de pintura no Salão «Piccadilly»

No magnífico salão da Casa *Piccadilly*, ao Chiado, tem estado desde há dias aberta ao público uma exposição de quadros a óleo e de aguarelas do pintor holandês sr. Carlos P. Gruppé, que fez também ha pouco exposição de seus trabalhos em Londres.

Apresenta este artista, tanto em óleo como em aguarela, varias paisagens do seu país, assim como quadros de genero, de boa fátura. O seu colorido é sóbrio porque não pinta sob o ceu peninsular onde a luz é mais intensa e viva. As linhas de composição são bem escolhidas e obedecem aos preceitos da arte.

O sr. Gruppé é membro das escolas *Pulchri Studio*, da Haia, *Pintores Holandêses*, de Amsterdã, *Od Water Colve Club*, de Philadelphia, e *Art Club*, de New York. Tem sido premiado em exposições de Paris, Philadelphia e Ruam com medalhas de ouro e em S. Louis com medalha de prata.

Quadros seus figuram nas principaes galerias de Holanda e em museus de *Peter Scheum*, *Detroit Museum*, *Boston Art Club*, etc.

A sua exposição tem sido muito visitada e apreciada.



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

(Continuado do numero antecedente)

Fombreuse estava sentado ao piano e com um lapis ia anotando o colorido que os seus interpretes tinham dado á sua musica.

Lescourias dizia a Anna, que um pouco nervosa passava a mão pelos cabellos doirados:

— Que sente, minha senhora? Nunca o seu canto me fez tanta impressão!

— Seriamente? disse ella apenas para responder.

— Nunca! Tinha a chamma da dôr, toda a vibração do sentimento. Muitas vezes tenho elogiado a sua voz, pois bem, d'esta vez arrebatou-me; senti a minha alma purificar-se. Porquê, ou antes, para quem cantou assim?

— Cantei para mim propria.

— Como a Carmen, não é verdade?

Eu que julgava que haveria qualquer ideia, um pequenino pensamento amoroso, que é sempre delicioso em qualquer manifestação de espirito... quem será o felizardo?...

Lescourias não reparava quanto as suas palavras estavam sendo desagradaveis para Anna Le Cozan. Steinbaum que percebeu tudo veio salvar a situação tirando o relógio da algibeira.

— Já vão sendo horas de nos retirarmos... é quasi uma hora.

— Uma hora! exclamou Lescourias, e eu que tenho um encontro amanhã ás sete horas e meia.

E não pensou mais, senão em sahir o mais breve possivel.

Anna olhou para Steinbaum, como se quizesse traduzir no olhar do allemão a

sua intenção. Pelo seu espirito passou um relampago de mau humor por aquelle homem que parecia adinhar os segredos da sua alma. Mas adinhar o quê?! Ella propria quiz convencer-se do contrario e a sua physionomia retomou o seu antigo aspecto de tranquillidade.

— Mais uma chicara de chá, meus senhores. Ainda ha torradas para o sr. Lescourias, que bem as mereceu.

— Nós partimos, amanhã de manhã é uma difficuldade para me levantar...

— Vamos Fombreuse, já é tarde, disse Steinbaum ao compositor que estava a anotar a partitura.

— E' verdade, já é bastante tarde.

Maria José trouxe os casacos e os chapéus, distribuindo-os a todos com mau humor, filho do somno, pois estava ansiosa por se deitar.

— Maria José, anda mais devagar, disse lhe Le Cozan.

— Vê se bem que a senhora não tem que se levantar cedo como eu, ás seis horas...

— Algum encontro amoroso? disse Lescourias.

— Não senhor, para esfregar esta casa.

— Os senhores desculpem a franqueza, disse a cantora.

Steinbaum deitou ainda a vista para o aspecto da sala e disse:

— Esta casa tem para mim um aspecto deveras attrahente!

— Que nunca perca essa opinião para voltar breve.

Como elle se inclinasse respeitosa-mente, ella estendeu-lhe a mão com amizade.

Precedido pelo candieiro de Maria José, Lescourias descia a escada.

Fombreuse quiz ser o ultimo a sahir, pois queria agradecer a Le Cozan a sua interpretação.

— Que bellos momentos que passei, como soube traduzir todo o meu pensamento! Se soubesse avaliar quanto me senti feliz!

Fombreuse beijou-lhe levemente a mão, seguindo depois o seu amigo Steinbaum que, discretamente, o esperava no pátio inferior.

Anna Le Cozan entrou no salão e encostou-se á janella para respirar melhor. Sentia o coração bater com força. Olhou para a abobada celeste matizada de estrellas e os seus labios murmuraram:

— Sim amo-o... amo o!...

Toda tremula d'este desabafo intimo do seu pensamento, encerrou-se no quarto. Sentada em uma cadeira, occultou por momentos a cara com as mãos, e pelos dedos sentiu cahir algumas lagrimas, sem que ella podesse saber se seriam de alegria ou de tristeza.

Na rua, Lescourias que morava em Montmartre, acompanhou Fombreuse e Steinbaum que habitavam na ilha de S. Luiz na mesma casa, até ao Pont-Royal.

No decurso da conversação, Lescourias perguntou a Fombreuse se conhecia o organista de S. Germain-de-Charonne.

— S. Germain-de-Charonne? repetiu Fombreuse.

— Sim, atraz do Père-Lachaise, uma igreja do seculo xi, com um cemiterio á roda, como uma capéla d'aldeia. Esta cidade de Paris para um papalvo como eu

tem sempre que ver! Percorro as ruas como um explorador e todos os dias faço descobertas... ignorando a igreja, não conheces o organista?

— Não conheço, mas posso obter o nome, precisas d'elle?

— Não, simples curiosidade. Em todo o caso é um famoso musico. Foi um dia que eu vagueava por este bairro, quando o accaso d'um enterro me fez entrar como simples curioso na igreja... Um orgão com uns sons horribeis, mas um organista admiravel! As improvisações do bom Frank, sahiam d'uma fórma admiravel. Pareciam executadas por elle! Ouvi sobre a marcha funebre de Chopin, uma paraphrase em fórma de fuga como Bach seria capaz de a fazer. Um verdadeiro encanto! O diabo do homem deve ter quatro braços e tantos pés para tocar d'aquella fórma. Perguntei a varias pessoas, mas todos me disseram que não sabiam quem era.

Mas voltarei á hora da missa, um domingo de manhã.

Chegados á ponte, Lescourias apertou as mãos de Fombreuse e de Steinbaum, que seguiram sósinhos o caminho do caes, sob a cópa das arvores ao vento fresco da noite.

II

NOCTURNO A DUAS VOZES

Steinbaum morava na ilha de S. Luiz em um segundo andar d'essas casas dos fins do reinado de Luiz XIV que os modernos dividiram em andares para mais facil exploração. Compartimentos encommodos, mas preciosos para quem não gosta de morrer abafado nos compartimentos modernos, geralmente com pouca luz.

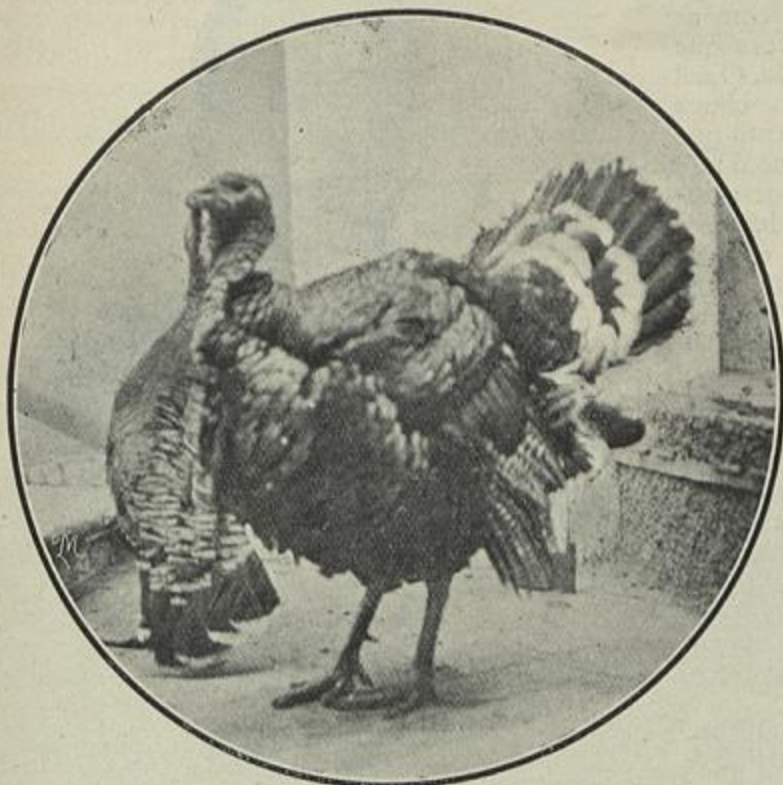
Uma claridade esplendida entrava pela larga janella do quarto que servia de officina ao gravador. Sobre as paredes, cobertas por um papel cinzento, algumas estampas de artistas conhecidos, um Schongauer, um Alberto Düres, um Henriquel, um Christian Müller. Representavam para Steinbaum, uma especie de incentivos para a sua arte. Nas difficuldades da sua arte, serviam-lhe de inspiração, uma força, uma ardente coragem. Tudo alli inspirava ordem e trabalho, cartões em cavaletes, com varios desenhos, em prateleiras toda a ferramenta e frascos de acido, e duas mesas sombreadas por um panno de téla transparente que tapava quasi a luz. Diante d'uma das mesas, Steinbaum estava de pé. Em frente da outra, mais baixa, estava assentada sua mulher que um mero acaso a tinha feito sua collaboradora.

Ambos burilavam em silencio, emquanto que applicados aos seus trabalhos escolares, dois rapazes, um proximo do centro molhando a penna no mesmo tinteiro, acabavam os seus trabalhos antes da hora de voltarem para a classe.

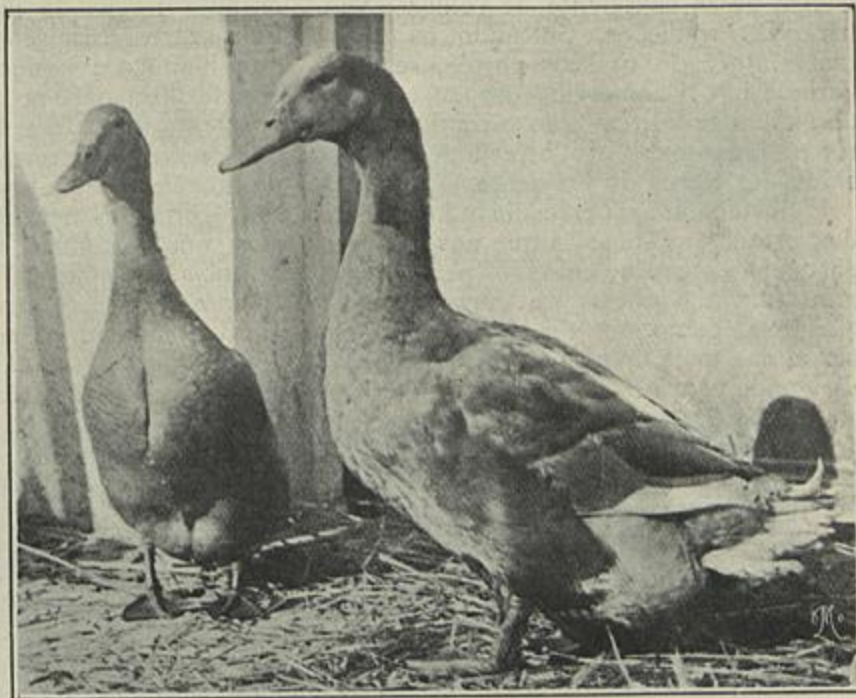
Fombreuse a um canto sentado em um *fauteuil* parecia ler. Com fato caseiro, camisa móle e jaquetão desabotoado, tinha um braço estendido tendo entre os dedos um cigarro, cujos aspiraes de fumo sahiam lentamente.

(Continúa.)

Exposição de Avicultura na Associação Central de Agricultura Portuguesa



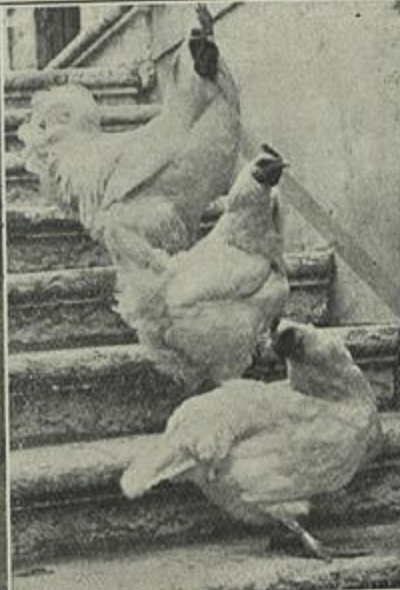
PERUS BRONZEADOS AMERICANOS, DO SR. CONDE LE FONTALVA
PREMIO DE MEDALHA DE OURO



PATOS ORPINGTON, DO SR. JOAQUIM A. MONTEIRO
PREMIO DE MEDALHA DE OURO



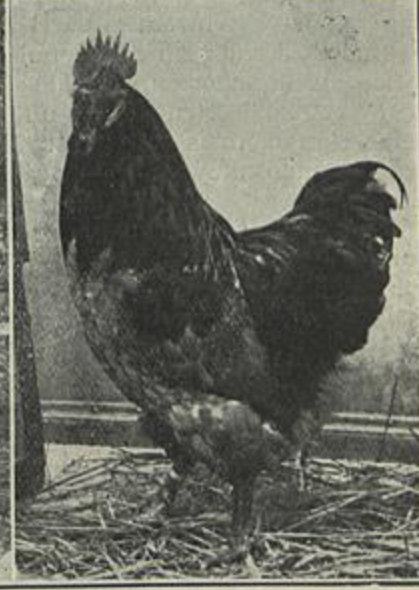
BRAHAMA CLARO — DO SR. MA-
NUEL VALENTE SERRANO —
PREMIO DE MEDALHA DE OURO.



PLYMOUTH ROCK BRANCO — DO
AVIARIO DA ESTRELA — PRE-
MIO DE MEDALHA DE OURO.



PLYMOUTH ROCK PERDEZ — DO SR.
MANUEL VALENTE SERRANO —
PREMIO DE MEDALHA DE OURO.



ORPINGTON AZUL — DO SR. JOAQUIM
A. MONTEIRO — PREMIO DE MEDA-
LHA DE OURO.

Folheando a história

Das cinco partes do globo, é a Asia a que ostenta mais nobres pergaminhos, tradições do mais curioso interesse. Foi o berço da humanidade e da civilização e, neste singular destino, se cifra a sua grande gloria; foi teatro de assombrosos sucessos, de manifestações unicas e, nesse privilegio especial, se traduz a sua primazia.

Em cada palmo do seu solo, quer nos vértices das montanhas, quer na extensão das planicies, ou nas aguas cristalinas dos rios, ou na superficie espelhada dos lagos, ha uma recordação palpitante de interesse; de cada ponto, surgem visões imponentes dos tempos primitivos, escutam-se ecos longinquos de milhares de gerações que, ha milhares de anos, rola-

ram no abismo insondavel do sepulcro. Nações magnificas, imperios colossais, aí, tiveram as suas epopéas.

Passaram imponentes e altivas, deixando rasto indelevel perpetuado através dos tempos até a consumação dos seculos.

A Judéa, a mística Israel, a patria dos profetas, envolvida nas penumbras biblicas, apontando-nos o estábulo de Betlem e as penedias do Gólgota; a Fenicia, a progenitora de Cartago com os seus emporios de Sidon e Tiro, a nação navegadora por excelencia; a Assiria e a Babilonia, corôas de Assurbanipal e de Semiramis, cujos jardins suspensos mereceram ser contados entre as sete maravilhas do mundo; a Média e a Persia donde surgiram as glorias de Timbrêa e os desastres de Arbela; a Arabia e a China, patrias de Mahomet e de Confu-

cio; a India, a terra de Brama e de Buda, do Mabárata e Ramáiana, dos Vedas e do Codigo de Manú, essa vastissima peninsula talada por Alexandre Magno que, desde o curso do Indo até as margens do Ganges, fez brilhar a lamina da sua espada invencivel; o Japão, imperio moderno mas notabilissimo, gente admiravel que, pela inteligencia, trabalho e faculdades assimiladoras tem atingido, com a mais incontestavel justiça, um logar eminente, essas colectividades politicas são outras tantas gemas do fulgentissimo diadema da Asia, continente enorme de quarenta e cinco milhões de quilometros quadrados com oitocentos milhões de habitantes, mais de metade da população total do globo!

E não só nas manifestações humanas o Oriente é grandioso mas, nas suas forças criadoras, é inexcedivel. As suas mi-

nas são riquíssimas, a flora e a fauna do mais alto valôr. Pedras preciosas, finas especiarias, madeiras magnificas, animais de especies variadissimas, tudo se encontra nesse continente de velhas e venerandas tradições. Sulcando os seus mares, tocando os seus portos, se tem enriquecido o commercio europeu e a India, sobre tudo, tem sido e continuará a ser o opulento tesouro, a verdadeira Colchida das terras do Occidente.

E', justamente, a península indostânica, dos estados asiaticos, a que nos merece particular atenção, não só pelas suas grandezas tão cheias de curiosidade e interesse, como por ter sido teatro soberbo das mais lidimas glorias portuguezas, onde o nosso esforço, tacto politico e acrisolado patriotismo, tanto e tanto, se evidenciaram. E', realmente, grata e orgulhosa missão, para a alma lusitana, percorrer os tempos idos, desde a heroica aventura do Gama até o presente, num largo periodo de quatro seculos, que, embora maculado, por vezes, por traços sombrios, é duma excellencia que se impõe, dum brilhantismo que se destaca.

Coroadada pela gigantesca cordilheira do Himalaia, defendida pelas ondas irrequietas do oceano, ostenta-se a grande península cisgângética, a formosa India, com os seus três milhões quinhentos e cincoenta mil quilometros quadrados de superficie. Foram os árias, povo procedente das regiões setentrionais da Bactriana e Sogdiana, a sua primeira população historica. Conquistaram, ás tribus primitivas, a região do Pendjâb em que se estabeleceram e, mais tarde, estenderam o seu dominio até o vale do Ganges e Ceilão.

Custaram, estes progressos de conquista, lutas tenazes que são celebradas nas grandes epopéas, Mabárata e Ramáiana, as obras primas da literatura indiana, atribuidas a dois vultos legendarios como Homero na Grecia, Viasa e Valmiki, pseudónimos, talvez, de muitos poetas que, em varias épocas, foram elaborando esses colossais trabalhos.

A riqueza literaria da India contrasta notavelmente com a sua pobreza historica.

Pouco se sabe de particular com respeito aos acontecimentos que caracterizam os povos da grande península cisgângética.

Dos seus principios, consta que Dario, rei da Persia, e, mais tarde, Alexandre da Macedonia talaram o territorio indiano, vencendo este eminente general os principes Tuxiles, Abissaro e Poro e dispunha-se a atravessar o Ganges para continuar as suas gloriosas expedições, quando os seus soldados, a isso, tenazmente se opuzeram.

Vencido por esta inesperada contradicção, retrocede, Alexandre para Babilonia, onde encontra a morte no vigor da vida e em plena aspiração de grande imperio.

Não prosigamos, porém, pela vereda da historia, umas vezes, lendaria, outras, obscura; tomemos, de preferencia, uma das mais notaveis instituições sociais da India e detenhamo-nos, um pouco, no seu estudo: — a religião.

E' inato o sentimento religioso na humanidade. Desde a mais remota antiguidade, o homem se tem preocupado sempre com as grandes forças da natureza que tudo regem, divinizando-as. O sol que ilumina e aquece, a chuva que fertilisa o solo, o vento que purifica a atmosfera, como o raio que aniquila, o trovão que amedronta e o ciclone que derruba, são divindades benéficas e malélicas que o homem adora e reverencia, prestando-lhes o culto da admiração e do reconhecimento, do temor e do receio. Esse sentimento, base das religiões, leva á erecção do templo, ou lugar onde se tributa o culto.

Nesses recintos de construção mais ou menos soberba e significativa e, em cerimonia mais ou menos grave e aparatosa, o homem confessa a sua fraqueza, a sua vida efémera, o seu *nada* em presença da onipotencia, da eternidade da força divina.

No templo, se traduz, tambem, o caracter da crença, a sua moralidade, a sua ideia fundamental.

Na Grecia, nação do belo, onde o espirito devaneou pelo politeismo imaginoso e poético, erigindo altares aos prazeres, ás riquezas, á satisfação plena das necessidades da vida, o templo é alegre, de côres vivas, variado pela multiplicidade dos deuses.

Nos povos cristãos, aspirando ás venturas do ceu, olhando para o mundo como um lugar de desterro, de dôr e de miseria, o santuario tem feição grave e melancolica; a meia luz convida á concentração, as altas abobadas, as esguias torres procuram tocar a celeste mansão, levando aos pés do Altissimo a prece fervorosa, a alma que se desprende do misero envólucro. Na India, acorrentada a grosseiro fanatismo, obsecada por seitas absurdas e ritos extravagantes, o templo escondendo-se na terra, de baixos tectos, pesado e tenebroso, como que asfixia, deprime e abate a natural expansão, para as alturas, da alma humana.

O culto indico reconhece um ente supremo, *Para-Brama* que se revela em três entidades distintas: *Brama*, criador, *Visnú*, conservador, *Siva*, destruidor. E' a celebre trimurti. São, realmente, as três forças naturais, equilibrando-se, dirigidas por uma intelligencia superior.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.

VERSOS

Endeixas — Madrigaes — Rimas Soltas

Por Alfredo da Cunha

Visita-nos, como bom amigo, o sr. dr. Alfredo da Cunha com dois volumes de *Versos* que nos envia, bizarra e amavelmente oferecidos á nossa antiga amizade, que mais desinteressada e sincera a não terá.

Expressamo-nos deste modo para que em nossas palavras amigas não veja sombra de lisonja, quem as lêr, quando é certo que só o coração as dita, pelo muito que sentiu ao lêr os *Versos* de Alfredo da Cunha.

Não são de hoje; foram escritos ha vinte anos,



DR. ALFREDO DA CUNHA

quando o autor fazia seu curso na Universidade e sob os salgueiraes do Mondego, desse rio de eterna poesia, evocava as Musas que lhe sorriam amores á sua alma e coração de poeta.

Suave, brando, sua lira tange melodias que falam ao coração. Só os verdadeiros poetas têm esse poder e não é numa ou outra poesia, *Endeixas*, *Madrigaes* ou *Rimas soltas* que o poeta domina, se impõe, mas em todas, porque em todas ha o mesmo sentimento, a mesma delicadeza, o perfume sensibilizador dos lírios, a fragancia amavel das rosas, todo o encanto que enleva a alma e toca o coração.

Assim passámos algumas breves horas lendo os *Versos* de Alfredo da Cunha, quando chegámos ás paginas, quasi do fim do segundo volume, onde se nos deparou o poemeto *Magdalena de Vilhena*, esse triste e veridico drama que Almeida Garrett trouxe para o palco do teatro portuguez, maior gloria deste e do poeta, no seu *Frei Luis de Sousa*.

Foi este triste e veridico drama que inspirou o breve poemeto de Alfredo da Cunha, e em belos tercetos descreve a chegada de D. João de Portugal, e os receios de Magdalena n'aquelle dia:

Sexta feira — Um fatal presentimento vago
Despertara-lhe a vã superstição antiga.
Magdalena tremia... O dia era aziago!

Acabam de anunciar que a habitação amiga,
Onde outrora viveu D. João de Portugal,
Demanda um peregrino. Acurva-o a fadiga.

Da Terra Santa viera. — O largo reposteiro,
Ostentando o braço dos condes de Vimioso,
Descerrou-se ao entrar o incógnito romeiro.

E assim vae descrevendo a chegada do romeiro. A aflicção de Magdalena é cada vez maior, pelo seu futuro, pois já presente que aquele romeiro era seu marido que ela julgava morto, ao cabo de tantos anos volvidos, e ela déra seu coração a outro homem!

Nesta anciedade, Magdalena exclama:

— Romeiro, quem és tu? Se tu falas exacto,
Se acaso não gerou a tua fantasia

quanto ha pouco disseste, indica-me o retrato
Desse homem, teu amigo, em tantos que ahí estão.—
Com um gesto seguro, energico, immediato,

E quando o romeiro, sem hesitar, aponta o retrato
de D. João de Portugal, Magdalena

Ainda quer descrever: precisa duvidar...
—Romeiro, quem és tu? — Com o bordão mostrando
O sinistro retrato, altivo e torvo o olhar,

O velho respondeu. E lúgubre — soando
Como um dobre funéreo — a sua voz não tem
Mais que um grito de dor, de réprobo, execrando,

Numa palavra só, fatídica — NINGUÉM!

E' descrito com viva impressão este fatal encontro, como são vivas as côres com que descreve a incomensuravel dôr de Magdalena, e o fundo sofrimento da inocente filha de seu segundo amor, aquele sofrer que a vae definhando até á morte.

Na consumpção fatal o macerado rosto.
A voz solta-se aguda, em sons dilacerantes,
No medonho explodir de um intimo desgosto.

Mas logo seguem no livro encantadoras quadras, sob o titulo *Quem Canta*. São cantares para o povo e do povo, da vida dos amores dos simples, mas em que se espelha a verdade, por cada quadra uma sentença, um conceito.

São assim os poetas, como compendios de eterna filosofia.

São assim os VERSOS de Alfredo da Cunha.

CAETANO ALBERTO.

comtudo, grandioso pela ideia que o levantou, mostrando quanto a Inglaterra respeita e honra a memoria dos heroes vencidos. Sobre tres degraus ergue-se uma piramide truncada para terminar em uma cruz bysantina, em barro cosido, bom trabalho do construtor sr. Horacio Miguel Prazeres.

Na frente da base do monumento lê-se em holandês e em inglês a seguinte inscrição:

Este monumento foi mandado erigir e solenizar no ano da era de Christo de 1913, pelo governo da União da Africa do Sul, Viscount Gladstone G. C. M. G., então governador geral de sua magestade, e the right honorable Louis Botha Prime Minister, em memoria dos boers prisioneiros na guerra que morreram durante a sua estada em Portugal, nos anos de 1900 a 1903 e cujos nomes estão aqui inscriptos.

Nas faces lateraes leem-se os nomes dos boers

dos que assim nos tem animado em nosso arduo trabalho, e para o que não dispomos de espaço, só podendo testemunhar-lhe o nosso sincero reconhecimento.

A REDACÇÃO.



Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa. — 2.ª serie. Janeiro de 1913, vol. II, n.º 1. Sumario: *Dificuldades de criar novos impostos*, Thomaz Cabreira; *Revista Agricola*, D. Luis de Castro; *A proposta da contribuição pre-*



INAUGURAÇÃO, NO CEMITERIO INGLÊS, DE UM MONUMENTO Á MEMORIA DOS BOERS FALECIDOS EM PORTUGAL

Inauguração de um monumento, no cemiterio Inglês, aos boers falecidos em Portugal

Quando da guerra do Transvaal, de 1900 a 1903, ficaram prisioneiros dos portuguezes, em Moçambique, uns 800 boers, ao atravessarem aquele territorio portuguez, dirigindo-se para Pretoria. Esses 800 prisioneiros, como é sabido, vieram para a metropole e aqui ficaram até terminar a guerra, acolhidos á nossa bandeira.

A' memoria dos boers que faleceram durante a sua estada em Portugal, foi levantado um monumento no cemiterio Inglês, cuja inauguração official se realisou no dia 28 de abril, findo.

A este acto assistiu o ministro de Inglaterra, em Lisboa, Sir Harding, os srs. ministro dos estrangeiros, secretario, consul inglês e pessoal da legação e do consulado, padres ingleses e uma parte da colonia inglesa, da capital.

Uma força da Guarda Republicana, fez as honras militares, á chegada do sr. ministro inglês, tocando a respectiva banda o *Good save the King* e depois a *Portuguêsa*.

Dirigindo-se, em seguida, todos para junto do monumento, guardando respeitoso silencio, foi lido por Sir Harding uma alocução elogiando a memoria dos heroes boers que ali repousavam sob a sombra dos ciprestes, passando depois a descerrar o mausoleu do pano preto que o cobria.

Então todas as pessoas presentes se descobriram enquanto os sacerdotes protestantes recitaram as orações do ritual.

O monumento, simples na sua estrutura, é,

falecidos em Portugal a cuja memoria o monumento é erguido:

Stefanus Johannos, H. Coetsee, enterrado em Peniche; Mathias Van As Pretorius, idem; Vilien Jacobus Botta, em Oeiras; John Andren Odman, idem; Johannes Petrus du Plenis P. F. Zu, no cemiterio norte de Lisboa; Thomas Barend B. Ri-hadas, idem; Stefanus, idem; Johannes Christoffel Nel, sepultado neste monumento; Pi. her Jurgens Nessel, nas Caldas da Rainha; Nicolaas Johannes Briuja, idem; Pelser, idem; Karl Jacob Voster, idem; Walter Harding, em Alcobaca, e Andries Schall Millem Brits, na mesma vila.

«O Occidente»

A falta de espaço não nos tem permitido, como era nosso desejo, agradecer ha mais tempo aos nossos colegas da imprensa que nos tem dispensado palavras de elogio, á reforma porque esta revista acaba de passar ao fim de 35 anos de existencia.

Outro tanto devemos a muitos de nossos antigos assinantes e pessoas amigas, que nos tem felicitado pelo aumento e melhoramentos do OCCIDENTE.

Teriamos de escrever grande lista de nomes se fôramos a mencionar o de to-

dial, Mensagem da Academia das Sciencias de Portugal; *O chá na Madeira*, Carlos Menezes; *Arroz de sequeiro*, Rodrigues Chicó; *Organização dos serviços agricolas* (O decreto de 17 de agosto de 1912); *Trabalhos da Associação*, Assembleias geraes de 9 de dezembro de 1912 e 1 de janeiro de 1913; *Exposição de aves*; *A questão do leite em Lisboa*, J. V. Paula Nogueira; *Bibliografia Agronomica*, Cunha Coutinho; *Secção de Ultramar*, Pau de Campeche — Adolfo F. Moller; etc.

Academia de Estudos Livres. — *Universidade Popular, fundada em 1889*, N.º 1 e 2 dos Anaes. Sumario: *Cartas insubmissas*; *Questões pedagogicas*, Inspeção medica escolar — A educação popular na Galicia — O ensino post-escolar; *Uma festa escolar ruskiana*; *Portugal e a Republica Argentina*; *Conferencias e palestras*, A Lua — O juri em Portugal; *Excursões e visitas*: A evolução da estatuaria decorativa portuguesa; *Curso de historia universal*; *Uma sessão literaria*; *Sociedade de estudos Pedagogicos*; *Biografias*: Centenario de Lincoln; *Bibliografia*; *Contos da minha terra*: Um professor atrapaçado.

Contribuição predial rustica. — *Representação contra a resolução da Camara dos Deputados de 20 de janeiro de 1913*. Pela Associação Central de Agricultura Portuguesa. Relator, dr. Fernando Emygdio da Silva.

A Fleuma e o Sangue-Frio, por James Stown, em 15 lições. Livraria Ferin, 1913. Um vol. de 100 pags. Este livro indica a «Maneira de afiançar o exito na vida», o que certamente despertará o interesse de leitores.

CARNES DA COMPANHIA INGLEZA

Todas as boas donas de casa devem dar preferencia ás magnificas carnes da **Companhia Inglesa**, superior a todas as outras do mercado, sendo o gado apartado com todo o esmero e engorda feita expressamente em colonias especiaes. — A fiscalisação do abatimento das rezes e conservaçoão das carnes é feita nas mesmas condiçoões em que o são as carnes consumidas em toda a Inglaterra.

NÃO CONFUNDIR



NÃO CONFUNDIR

A CARNE ARGENTINA d'esta COMPANHIA superior a qualquer outra, é vendida ao publico mais barata do que qualquer outra pelos seguintes preços:

Prego do peito	} Kg. 180 réis
Abas	
Cachaço	
Chã-bã	
Peito alto	} 260
Pá	
Assem	
Chã de fóra	} 300
Rabadilha	
Ganço	
Vasio	
Roas-beaf	
Alcatra	

Delicadesa do pessoal
Boa qualidade da carne
Exatidão no peso

As carnes da Argentina d'esta Companhia, impõe-se pela sua qualidade extra e **SÓ** se vendem nos talhos pintados a **BRANCO E VERMELHO** com o emblema registado e representado n'este annuncio.

Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gás e esgotos

INSTALLAÇÕES ELECTRICAS

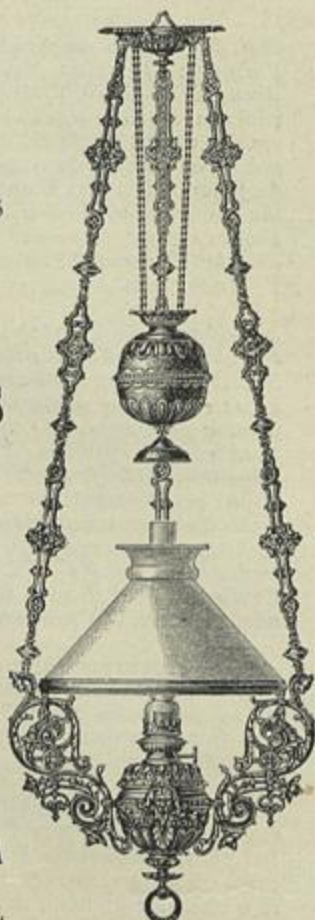
FOGÕES a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL



TUBOS de chumbo e de borracha

LOUÇA de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS E LAVATORIOS

Esquentadores a gaz e a gazolina

Variado sortimento de candieiros de gaz e suspensões



A. COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as **ULTIMAS** novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca **Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos**

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA A TOSSE

MARCA PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias